

ANDANDO PELO RIO – AULA EM SANTA TERESA  
BAIRRO DE SANTA TERESA - AQUEDUTO DA CARIOCA

O Aqueduto da Carioca, mais conhecido como “Arcos da Lapa”, representou a mais importante e útil obra realizada pelos portugueses durante o Período Colonial na cidade do Rio de Janeiro.

Dos muitos rios e córregos existentes na cidade do Rio de Janeiro, desde 1503 os portugueses já haviam elegido as águas do Rio Carioca como das mais puras para se beber. Ao que consta, a mesma opinião era compartilhada pelos índios, que afirmavam ficarem bonitas as mulheres que nelas se banhavam. Também corria a lenda que quem bebesse de suas águas ficava com boa voz para cantar. O nome “Carioca” fora dado por volta de 1503, quando, num de seus braços próximo ao morro da Viúva os portugueses edificaram uma casa de feitoria, apelidada pelos índios tamoios de “Cari-Óca” (“Casa de Branco”). Onde existiu essa casa, desaparecida já no século XVII, hoje está um prédio moderno na atual esquina da rua Cruz Lima com a Praia do Flamengo.

No século XVII, os índios apanhavam água na nascente do Rio Carioca, lá no Silvestre, na falda do Corcovado, e levavam-na para vender na cidade, aos brados de ! ! (água, água em tupi). Ainda no mesmo século tal serviço passou a ser feito por negros escravos com idêntico brado. A sua nascente ainda hoje tem o romântico nome de “Mãe D`Água”, que é a tradução do primitivo tupi “Iara”.

Datam ainda das primeiras décadas do século XVII as primeiras tentativas de canalizar essa água até a cidade. A Câmara de Vereadores tentou contratar um serviço de canalização, mas usaram canos de madeira, que, por motivos óbvios, apodreceram. Chegou a ser erguida enorme caixa d`água onde hoje é a esquina de ruas Treze de Maio e Senador Dantas. A guarda que tomava conta de tal água era formada por velhos e estropiados, daí o apelido inicial dessa via, que era conhecida como “Rua da Guarda Velha”, tomando o nome atual de “Treze de Maio” após a Abolição. No local da caixa está hoje o bonito edifício Municipal, sede do “Cordão do Bola Preta”.

Em fins do século XVII reiniciaram as obras, mas com a necessidade de investimento em fortificações, tudo parou por mais cinquenta anos. Após a invasão francesa de 1711, ficou patente a necessidade de se possuir um sistema de canalização que abastecesse a cidade, que, se fosse cercada por tropas inimigas, ficaria sem água.

No ano de 1712 apresentou um projeto de enorme aqueduto em alvenaria de pedras o engenheiro Manuel dos Reis Couto, tendo o Governador Francisco Xavier de Távara reiniciado as obras. Para obtenção de verbas, criou-se um imposto sobre os barris de vinhos importados de Portugal, que se chamou de “subsídio literário” (o literário, aí no caso, significa “litros”).

Em 1719 as obras ganharam novo alento com a gestão do Governador Ayres de Saldanha e Albuquerque (1719-26), que substituiu a mão de obra escrava por índios assalariados emprestados pelos jesuítas. Esses índios recebiam alguns tostões, bem como tecido para roupas. O Rei de Portugal D. João V (1707-50) diversas vezes admoestou Ayres de Saldanha para que parasse as obras e investisse o imposto arrecadado em fortificações, mas Saldanha, corajosamente ignorou as ordens régias e levou-as adiante haja vista a necessidade de água na cidade.

Já em 1726 era inaugurado o novo aqueduto, que, sob todos os aspectos, era espetacular e lembrava muito o que D. João V estava erguendo em "Águas Livres", Lisboa. Começava no Silvestre, com enorme caixa d'água de alvenaria que ainda existe próximo da nascente do Carioca, no final da atual rua Almirante Alexandrino, descia então um cano com dois metros de altura, todo em pedra e que ocupava um lado completo da rua (existem trechos dele ainda hoje), passava por debaixo da capela do Desterro (hoje Convento de Santa Teresa, inaugurado em 1750), daí o cano prosseguia por arcos de alvenaria até o morro de Santo Antônio, onde, depois de abastecer o convento franciscano, o cano descia por rampa até o Largo que depois se chamou "da Carioca", terminando em formoso chafariz barroco de pedra com dezesseis carrancas de pedra que vertiam água.

Alguns anos depois, em 1738, o General Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, Governador da Capitania do Rio de Janeiro (1733-1763), mandou ampliar o aqueduto por intermédio de seu engenheiro, o Sargento Mór José Fernandes Pinto Alpoim, que deu as dimensões atuais do monumento, com quarenta e dois enormes arcos de alvenaria que sustentavam o poderoso cano de pedra. Terminou a reconstrução em 1744, tendo Gomes Freire inaugurado uma placa de mármore num sopé do aqueduto a qual ainda lá se acha.

Pequenas obras continuaram a ser feitas até a administração do Vice Rei Conde de Rezende (1790-1801), onde foi coberto o dito cano d'água por lage de pedra. Já depois da Independência, o velho chafariz do Largo da Carioca foi demolido em 1830, sendo substituído por um de madeira que pouco durou, sendo depois erguido em 1840 outro chafariz de pedra, com quarenta torneiras, e que durou até 1926, sendo então definitivamente arrasado. Ficava exatamente onde hoje está o respiradouro da estação do Metrô-Carioca, perto do edifício da Caixa Econômica Federal.

Foi o aqueduto muito reformado em 1878 quando então ampliaram um dos arcos, justamente o que passava sobre a Rua dos Arcos, para melhorar o trânsito. Em 1906 ampliaram o outro arco sobre a Avenida Mem de Sá, que então estava sendo aberta pelo Prefeito Francisco Pereira Passos (1902-06). O Governador Carlos Lacerda restaurou esses arcos às dimensões originais em 1965.

Tão resistente era o aqueduto que foi transformado em viaduto de bondes da Companhia Ferro Carril Carioca, passando o primeiro bondinho elétrico pelos arcos a 01 de setembro. Desde aquela época deixou de transportar água. Durou 170 anos como aqueduto. Hoje, 104 anos depois, o aqueduto, agora viaduto, ainda os suporta.

No ano de 1938 o SPHAN tombou os "Arcos da Carioca". Mesmo assim, alguns anos depois urbanistas pouco afeitos à nossa história propuseram sua demolição conjuntamente com o arrasamento do Morro de Santo Antônio, quando então enfrentaram resistência decisiva do Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, o engenheiro-arquiteto Firmino Fernandes Saldanha (1906-1985), que se sagrou vencedor depois de longa batalha judicial. Ironia das ironias, Saldanha descendia em linha direta do Governador Ayres de Saldanha e Albuquerque, o homem que tornou os arcos uma realidade.

## CONVENTO DE SANTA TERESA

Em 1715 vinha à luz no Rio de Janeiro a inocente Jacinta Rodrigues Ayres, quarta filha de Manuel Rodrigues Ayres e Maria de Lemos Pereira. Jacinta, juntamente com sua irmã Francisca, desde cedo mostraram pendor para a religião, tendo ambas presenciado aparições de santos e protagonizado alguns interessantes fenômenos psicocinéticos.

Em pleno século XVIII, ainda eram proibidos no Rio de Janeiro os conventos de freiras, pois a justificativa era de que o número de mulheres na cidade era diminuto e isso prejudicaria a expansão da colônia. Jacinta, ajudada por um tio, adquiriu uma chácara na Rua de Mata-cavalos (atual Riachuelo), onde restaurou uma capela dedicada ao Menino Deus. Nessa chácara as duas irmãs e um grupo de abnegadas levavam vida religiosa.

O General Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, Governador da Capitania do Rio de Janeiro (1733-63), burlando a proibição régia, já em 1736 autorizou o funcionamento do Recolhimento do Parto, primeira agremiação religiosa feminina na cidade. Em 1742, o Governador patrocinou a fundação do convento de freiras de N. Sra. da Ajuda, no Largo da Ajuda, atual Praça Marechal Floriano, demolido em 1911.

Não escapou de Gomes Freire a devoção das duas irmãs, tendo autorizado a ambas a fundação de um cenóbio feminino dedicado à Santa Teresa de Ávila. Doou de seu próprio bolso para elas a chácara das Mangueiras, cujas terras abrangiam onde depois surgiu o bairro da Lapa. Com esse patrimônio, em 30 de dezembro de 1744 foi fundado o convento das carmelitas descalças com o nome de Santa Teresa de Ávila. Receberam igualmente em doação uma capela abandonada situada no morro do Desterro. Essa capelinha havia sido fundada em 1629 por Antônio Gomes do Desterro e já tinha sido recusada pelos frades carmelitas haja vista a distância da mesma à cidade. Em 1710 havia sofrido um ataque das tropas invasoras de Jean François Duclerc, tendo os franceses sido expulsos pelo pároco local. Pouco antes de 1744 ela havia pertencido aos frades capuchinhos italianos, que pouco ficaram com ela.

No dia 24 de junho de 1750 as duas irmãs lançaram a pedra fundamental do novo convento, aproveitando a capelinha já existente. Deu o plano da nova casa o engenheiro militar e brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim. Aliás, ele próprio que antes trabalhara na reconstrução do Aqueduto da Carioca (1738-44), cuidou para que o convento tivesse água canalizada.

No início de 1757 as religiosas puderam ocupar sua casa, mas os trabalhos não estavam concluídos nem em janeiro de 1763, quando da morte de Gomes Freire que lhes tinha dado início. Gomes Freire foi enterrado no chão do convento, bem como Alpoim, que morreu dois anos depois. No final do século XVIII foram colocados os maravilhosos azulejos portugueses na portaria, com cartelas temáticas e assuntos variados, de autoria ignorada. Os três altares rococós internos, todos do final do século XVIII são anônimos, mas de talha muito boa, atribuída por alguns ao Mestre Valentim (1745-1813).

O convento e a capela, que passaram por uma reforma completa no século XX, são muito simples e não foram descaracterizados. A capela é ladeada por um único campanário, do lado do Evangelho.

RESUMO RÁPIDO DAS RUAS DE SANTA TERESA.

- 1)- Rua Joaquim Murtinho: antiga rua do Ferrocarril, aberta em 1896 nas terras do Convento de Santa Teresa pela Companhia Ferro Carril Carioca. Joaquim Duarte Murtinho (1848-1911) era engenheiro, professor da Escola Politécnica e médico homeopata, político e Ministro da Fazenda no govêrno Rodrigues Alves (1902/06). Foi de 1893 a 1906 Presidente da Cia. Ferro Carril Carioca, sucedendo seu irmão, o engenheiro João Murtinho. Sua residênciã era na rua Murtinho Nobre (nome de seu primo) e depois foi de sua sobrinha, Da. Laurinda Santos Lôbo. Hoje é o Parque das Ruínas.
- 2)- Ladeira de Santa Teresa: aberta em 1629 por Antônio Gomes do Desterro, que nela ergueu em 1629 a capelinha de Nossa Senhora do Desterro, origem do Convento de Santa Teresa (1750). Já o Convento em si foi fundado sob patrocínio do General Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela e Governador da Capitania do Rio de Janeiro (1733/1763).
- 3)- Rua Murtinho Nobre: batizada em homenagem ao fundador do Touring Club, que nela residiu. Nela também morou, em altiva residênciã, Joaquim Murtinho e, depois de sua morte, sua sobrinha, Da. Laurinda Santos Lôbo, onde às sextas feiras dava recepções magníficas a intelectuais e figuras políticas da Belle Époque. Hoje é o Parque das Ruínas. Na rua também morou o industrial e promotor cultural Raymundo Ottoni de Castro Maia, cuja casa, erguida em 1958, é hoje o belo museu Chácara do Céu.
- 4)- Largo do Curvelo: batizada em homenagem ao Barão do Curvelo, o português Comendador Joaquim José de Meirelles Freire, que residiu nas proximidades. No largo existiam dois pináculos de alvenaria, que o povo denominava de “Dois Irmãos”, demolidos em 1926. No mesmo local ainda existe a famosa “casa navio”, assim batizada a residênciã de Abigail Seabra de Paula Buarque, primeira casa moderna do bairro, erguida em 1938/9.
- 5)- Rua Almirante Alexandrino: aberta no século XVIII, antiga rua do Aqueduto, assim rebatizada em homenagem ao Almirante Alexandrino Faria de Alencar, Ministro da Marinha de Rodrigues Alves (1902/06), que nela residiu e faleceu. Moraram nela desde o pintor impressionista Eliseu Visconti e o arquiteto modernista Álvaro Vital Brazil; os ministros da educação, cultura e saúde pública, os mineiros Gustavo Capanema, Anísio Teixeira e Marzagão Gesteira; o comendador português Joaquim Fonseca Guimarães; a família La Sagne, dona das lojas Mesbla; o ex-presidente Fernando Collor e sua primeira esposa, Da. Lilibeth Monteiro de Carvalho; o ex-prefeito Henrique Dodsworth; e hoje ali residem os atores Sérgio Britto, Letícia Sabatella; o carnavalesco Joãozinho Trinta; os empresários Monteiro de Carvalho; Monteiro Aranha, etc. Nessa rua também existiu o Hotel Bela Vista, onde se hospedou Sarah Bernard; o tenor Enrico Caruso e o bailarino russo Wlasclaw Nijinski. Era o hotel Bela Vista em frente ao castelinho neogótico do Comendador português Antônio Valentim do Nascimento, ainda hoje de pé e tombado. O prédio do hotel, muito modificado, é hoje uma clínica.
- 6)- Largo dos Guimarães: batizado em homenagem ao comendador e construtor português Joaquim Fonseca Guimarães, que o abriu em meados do século XIX. Sua imensa chácara ainda existe. É onde hoje está o Hotel Santa Teresa (hotel dos desquitados). No largo terminava o famoso plano inclinado de Santa Teresa, que funcionou de 1877 a 1926. Situa-se no Largo o sobrado onde está a Administração Regional do Bairro, erguido em 1875 e também a bela chácara da família Garcia, hoje um brechó. Próximo estão também as oficinas dos bondes da CTC e o Museu do Bonde.

- 7)- Ladeira do Castro: batizada em homenagem ao médico e comendador Francisco Mendes de Oliveira Castro, que nela residiu em meados do século XIX. Por ela passava o famoso plano inclinado de Santa Teresa, inaugurado em 1877 e que foi o primeiro transporte mecanizado do bairro. Começava na rua de Mata – Cavalos (Riachuelo), terminando no Largo dos Guimarães.
- 8)- Rua Felício dos Santos: aberta em meados do séc. XIX e batizada em homenagem ao historiador mineiro Joaquim Felício dos Santos, que nela residiu, sendo grande proprietário local e doador de terras na rua Áurea para construção da Igreja Matriz de Santa Teresa, em 1917.
- 9)- Rua Áurea: aberta em meados do séc. XIX. Em 1917 nela foi erguida a igreja Matriz de Santa Teresa do Menino Jesus, em estilo Neogótico. Foi seu mais famoso pároco Monsenhor Joaquim Nabuco de Araújo (1894-1967), filho do abolicionista e diplomata pernambucano Joaquim Nabuco.
- 10)- Largo do França: aberto em 1856 em terras do Comendador português França. Ainda está com o casario original. Nele existiam outros dois pináculos de alvenaria, iguais aos do Curvelo, demolidos em 1926.
- 11)- Rua Paula Mattos: foi o princípio do bairro, aberta em 1842 em terras do chacareiro Francisco de Paula Mattos, grande proprietário local, e que doou no ano de 1851 uma fonte d'água em sua rua para a população, permitindo o rápido desenvolvimento de Santa Teresa. Possuiu até 1896 um elevador mecânico, desativado quando da implantação dos bondes elétricos.
- 12)- Rua Júlio Ottoni: batizada em homenagem ao advogado e industrial mineiro Júlio Benedito Ottoni, Presidente da “Companhia de Velas Stearica”, em São Cristóvão, que ali residiu.
- 13)- Rua Prefeito João Felipe: batizada em homenagem ao Ministro da Fazenda, Viação e Obras Públicas de Floriano Peixoto (1891/94) e Prefeito do Rio de Janeiro (1900/01), engenheiro civil e professor, e que ali residiu.
- 14)- Rua Paschoal Carlos Magno: batizada em homenagem ao embaixador e promotor teatral Paschoal Carlos Magno, que residiu não ali, mas na rua Hermenegildo de Barros, onde fundou em sua casa o Teatro Duse.
- 15)- Rua Monte Alegre: aberta em meados do século XIX, sendo que seu trecho mais antigo, que desce o morro, data ainda do século XVII. Nela residiram, dentre outros, Benjamin Constant; Senador Pinheiro Machado; a Baronesa de Parina; o Senador Jurandir Pires Ferreira; o Comendador e construtor Antônio Januzzi; o ex-Secretário de Segurança Hélio Saboya, etc. Nela existe o Centro Cultural Laurinda Santos Lôbo; a Biblioteca Regional do bairro e a magnífica chácara afazendada da família Veiga.
- 16)- Largo das Neves: aberto em 1852 pelo comendador Francisco Ferreira das Neves, que doou a imagem e construiu de 1854 a 1860 a capelinha de N. Sra. das Neves, em estilo neogótico, e que substituiu um oratório que ali existia desde 1814. Os bares em volta eram freqüentados por diversas figuras famosas, desde o poeta Vinícius de Moraes, passando pelo escritor Rubem Braga e o literato Othon Costa; até o aventureiro Ronald Biggs (o do assalto ao trem pagador), e que morou até pouco tempo no mesmo largo.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA SOBRE SANTA TERESA:

- 01)- Azevedo, Manuel Duarte Moreira de; O Rio de Janeiro, Sua História, Fatos Notáveis, Homens e Curiosidades. Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editôra, Coleção Vieira Fazenda, 1965, il.

- 02)- Araújo, José de Souza Azevedo Pizarro e; Memórias Históricas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, INL, Imprensa Nacional, 10 vols.
- 03)- Barreiros, Eduardo Canabrava; Atlas da Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1965, il.
- 04)- Belchior, Elísio de Oliveira; Conquistadores e Povoadores do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editôra, Coleção Vieira Fazenda, 1965.
- 05)- Berger, Paulo; Pinturas e Pintores do Rio Antigo. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos, 1990, il.
- 06)- Canstatt, Oscar; Brasil Terra e Gente - 1871. Rio de Janeiro, Editôra Conquista, 1975, il.
- 07)- Cavalcanti, J. Cruvêllo; Nova Numeração dos Prédios da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Coleção Memória do Rio, 2 vols., 1978 .
- 08)- Chiavari, Maria Pace; Rio de Janeiro, Preservação e Modernidade. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998, il.
- 09)- Coaracy, Vivaldo; Memórias da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editôra, 1965, il.
- 10)- Coaracy, Vivaldo; O Rio de Janeiro no Século XVII. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editôra, 1965, il.
- 11)- Coaracy, Vivaldo; Velharias Cariocas. Rio de Janeiro, Revista do Clube de Engenharia, março de 1941, il.
- 12)- Corrêa, Armando Magalhães; Terra Carioca, Fontes e Chafarizes. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Coleção Memória do Rio, 1978, il.
- 13)- Cruls, Gastão; Aparência do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 2 vols., 1965, il.
- 14)- Dunlop, Charles Julius; Apontamentos para a História dos Bondes no Rio de Janeiro vol. 2 - A Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico. Rio de Janeiro, Editôra Laemmert, 1953, il.
- 15)- Dunlop, Charles Julius; Álbum do Rio Antigo. Rio de Janeiro, Editôra Rio Antigo, 1965, il.
- 16)- Dunlop, Charles Julius; Os Meios de Transporte no Rio Antigo. Rio de Janeiro, Ministério dos Transportes, Serviço de Documentação, 1972, il.
- 17)- Dunlop, Charles Julius; Rio Antigo. Rio de Janeiro, Editôra Rio Antigo, 3 vols., 1958/1960, il.
- 18)- Dunlop, Charles Julius; Subsídios para a História do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Editora Rio Antigo, 1957, il.
- 198)- Edmundo, Luís; O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice Reis. Rio de Janeiro, Editôra Conquista, 1957, il.
- 20)- Fazenda, José Vieira; Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 5 vols. 1919.
- 21)- Ferrez, Gilberto; O Rio Antigo do Fotógrafo Marc Ferrez - 1875/1918. Rio de Janeiro, João Fortes Engenharia, 1984, il.
- 22)- Gérson, Brasil; História das Ruas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editôra, Coleção Vieira Fazenda, 1965, il.
- 23)- Gérson, Brasil; O Ouro, O Café e o Rio. Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editôra, Coleção Vieira Fazenda, 1967, il.
- 24)- Govêrno Dos Estados Unidos do Brazil. Recenseamento Geral de 1920. Rio de Janeiro, Departamento Geral de Estatística, 6 vols., 1922, il.

- 25)- Graham, Maria; Diário de uma Viagem ao Brasil. Belo Horizonte/Itatiaia, São Paulo/EDUSP, 1990, il.
- 26)- Luz, Ronaldo Pinto da; Monografia da XXIV RA, Santa Teresa. Rio de Janeiro, 1971, il.
- 27)- Maurício, Augusto; Templos Históricos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, 1947, il.
- 28)- Orazi, Ângelo; Rio de Janeiro And Environs - Traveller`s Guide. Rio de Janeiro, Guias do Brasil Ltda., 1939.
- 29)- Reis, José de Souza; Arcos da Carioca. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. XII, 1955, il.
- 30)- República dos Estados Unidos do Brazil. Recenseamento Geral de 1906(Districto Federal). Rio de Janeiro, Tip. Da Estatística, 1907, il.
- 31)- Rios Filho, Adolfo Morales de Los; Grandjean de Montigny e a Evolução da Arte Brasileira. Rio de Janeiro, Empresa A Noite, 1941, il.
- 32)- Rios Filho, Adolfo Morales de Los; O Rio de Janeiro Imperial. Rio de Janeiro, Editôra A Noite, 1948, il.
- 33)- Santos, Francisco Agenor de Noronha; Aqueduto da Carioca. Rio de Janeiro, Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. 4, 1940, il.
- 34)- Santos, Francisco Agenor de Noronha; As Freguesias do Rio Antigo. Rio de Janeiro, Editôra O Cruzeiro, 1965, il.
- 35)- Santos, Francisco Agenor de Noronha; Os Meios de Transporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Tipografia Jornal do Comércio, 1934, 2vols., il.
- 36)- Sarthou, Carlos; Relíquias da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Livraria Atheneu, 1965, il.
- 37)- Silva, Rosauro Mariano da; A Luta pela Água. Rio de Janeiro, Companhia Estadual de Água e Esgotos, 1988, il.
- 38)- Tabet, Sérgio; e Pummar, Sônia; O Rio de Janeiro em Antigos Cartões Postais. Rio de Janeiro, Editôra do Autor, 1985, il.
- 39)- Teixeira, Milton de Mendonça; O Rio de Janeiro e sua Arquitetura. Rio de Janeiro, GECET/DOP/RIOTUR, 1989.
- 40)- Teixeira, Milton de Mendonça; O Rio de Janeiro e suas Igrejas. Rio de Janeiro, GECET/DOP/RIOTUR, 1988.
- 41)- Teixeira, Milton de Mendonça; O Rio de Janeiro e suas Praças. Rio de Janeiro, GECET/DOP/RIOTUR, 1988.
- 42)- Valladares, Clarival do Prado; Rio Barroco. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1978, il.
- 43)- Valladares, Clarival do Prado; Rio Neoclássico. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1978, il.
- 44)- Vários Autores; O Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos. Rio de Janeiro, Editôra Record, 1965, il.

Milton de Mendonça Teixeira.